

Quanto maior o índice de massa corporal (IMC) de um indivíduo, maior a probabilidade de ele testar positivo para o Sars-CoV-2, mostra estudo israelense. Até quem está com sobrepeso corre mais perigo — nesse caso, o aumento no contágio é de 22%

Obesidade aumenta risco de infecção em até 86%

Pesquisas e observações clínicas têm mostrado que o excesso de peso deixa um paciente com covid-19 mais vulnerável ao agravamento da doença. Um estudo apresentado na edição deste ano do Congresso Europeu sobre Obesidade — que acontece, de forma remota, até esta quinta-feira — mostra que a obesidade e o sobrepeso também podem aumentar o risco de um indivíduo ser infectado pelo novo coronavírus. Em média, a cada ponto a mais no índice de massa corporal, o IMC, há um acréscimo de cerca de 2% na possibilidade de se testar positivo para infecção pelo Sars-CoV-2.

A equipe de cientistas, liderada por Hadar Milloh-Raz, do Centro Médico Chaim Sheba, em Israel, alerta que pessoas acima do peso e com outras comorbidades, como hipertensão ou diabetes, estão em uma situação ainda mais delicada. “À medida que o IMC sobe acima do normal, a probabilidade de um resultado positivo do teste aumenta, mesmo quando ajustado para uma série de variáveis do paciente. Além disso, algumas das comorbidades associadas à obesidade parecem estar associadas a um risco aumentado de infecção”, escrevem, em comunicado.

O estudo foi conduzido no maior complexo hospitalar do Oriente Médio. No início da pandemia, o Centro Médico Chaim Sheba adotou a política de que todos os pacientes internados fossem testados para covid-19 independentemente dos sintomas apresentados ou do motivo da admissão. Entre 16 de março de 2020 e 31 de dezembro de 2020, 26.030 pessoas foram testadas, sendo que 1.178 apresentaram um resultado positivo para a infecção pelo novo coronavírus, o equivalente a 4,5% dos pacientes.

A equipe também mediu o IMC de todos hospitalizados e considerou outras informações que poderiam interferir no quadro de vulnerabilidade. São elas: idade, sexo e presença de comorbidades, incluindo insufi-

Alfredo Estrella/AFP - 2/2/21



Pesquisa mostra ainda que, a cada ponto a mais no IMC, há um acréscimo de 2% na possibilidade de o teste para covid dar positivo

90% das mortes

Um estudo divulgado, neste mês, pela Federação Mundial de Obesidade mostra que 90% dos óbitos por covid-19 ocorreram em países com altas taxas de obesidade. Ou seja, das 2,5 milhões de mortes pelo Sars-CoV-2, 2,2 milhões foram registradas em nações com altos níveis de obesidade. Em média, a taxa de mortalidade pela doença desencadeada pelo novo coronavírus é 10 vezes maior nos locais em que mais da metade da população está acima do peso. O estudo é resultado de um cruzamento de dados da Johns Hopkins University, nos Estados Unidos, e do Observatório de Obesidade, ligado à Organização Mundial da Saúde. Os autores defendem que pessoas com obesidade façam parte dos grupos prioritários de vacina.

ciência cardíaca congestiva, diabetes mellitus, hipertensão, doença isquêmica do coração, acidente vascular cerebral e doença renal crônica.

As análises mostram que, considerando indivíduos sem problemas com a balança, o risco de infecção entre obesos não só aumenta como fica

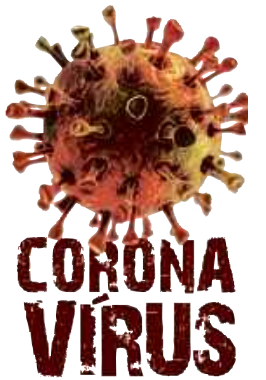
maior conforme a gravidade do excesso de peso. Pacientes classificados com sobrepeso (IMC entre 25 e 29,9) apresentaram risco 22% maior de testar positivo. Naqueles com obesidade grau 1 (IMC de 30 a 34,9), a taxa subiu para 27%, com grau 2 (IMC de 35 a 39,9), para 38%, e com grau 3 (IMC igual ou maior que 40), para 86%.

A equipe também encontrou associações positivas e negativas entre a probabilidade de testar positivo para o Sars-CoV-2 e a presença de comorbidades ligadas à obesidade. Em hipertensos, por exemplo, o risco é seis vezes maior. O diabetes,

por sua vez, foi associado a um aumento de 30%. Por outro lado, a ocorrência de AVC, doença isquêmica do coração e doença renal crônica parece reduzir o risco: em 39%, 55% e 45%, respectivamente. Os autores não explicam, no estudo, as razões ligadas às quedas.

Gordura abdominal

Também apresentado no congresso europeu, um estudo mostra que a gordura abdominal pode ser melhor que o IMC para avaliar a necessidade de uma pessoa com covid-19 precisar de internação hospitalar. Os cientis-



tas, do Policlínico San Donato, na Itália, chegaram à conclusão analisando ambos os métodos de mensuração com o escore de gravidade da radiografia de tórax (CXR), que avalia o desempenho pulmonar de um indivíduo. O CXR pode ter um máximo de 18 pontos, sendo, nesse estudo, um escore alto definido como oito ou mais pontos.

A equipe avaliou dados de 215 pacientes internados no hospital italiano. Aqueles com obesidade abdominal apresentaram escores de gravidade CXR significativamente maiores (mediana 9), em comparação ao sem obesidade abdominal (mediana 6). De uma forma geral, pacientes com obesidade abdominal tinham risco 75% maior de um escore de gravidade CXR mais alto — e, portanto, um pior resultado relacionado à covid-19, quando comparados aos sem esse tipo de complicação na barriga.

Ao olhar para o método tradicionalmente usado, o IMC, os cientistas não perceberam diferenças estatisticamente significativas nas pontuações entre aqueles com peso normal, sobrepeso ou obesidade geral. “A obesidade abdominal pode predizer um escore alto de gravidade na radiografia de tórax melhor do que a obesidade geral em pacientes hospitalizados com covid-19. Portanto, no hospital, a circunferência da cintura deve ser medida, e os pacientes com obesidade abdominal devem ser monitorados de perto”, defendem.

OMS: cepa descoberta na Índia é “preocupante”

Aparentemente mais contagiosa e com maior grau de resistência às vacinas, a cepa do novo coronavírus identificada inicialmente na Índia tem preocupado governantes e autoridades sanitárias. Ontem, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou que a variante B.1.617 é “preocupante” e representa uma ameaça não apenas ao país asiático.

“Nós a classificamos como uma variante preocupante em nível global (...) Existe alguma informação disponível que indica uma transmissibilidade acentuada”, afirmou Maria Van Kerkhove, responsável técnica pela luta contra a covid-19 na agência das Nações Unidas. Um relatório epidemiológico do órgão com mais detalhes sobre essa variante está previsto para ser divulgado hoje.

Na coletiva, Kerkhove adiantou que a B.1.617 precisa ser estudada com mais profundidade. “Não temos nada que sugira que nossos diagnósticos, nossos medicamentos e nossas vacinas não estejam funcionando. E isso é importante”, frisou. Segundo ela, mais análises de sequenciamento genético ajudarão autoridades

a saber a quantidade circulante dessa cepa e o grau de intensidade de com que ela atenua a eficácia das vacinas disponíveis.

Quanto à possibilidade de a B.1.617 afetar a efetividade dos imunizantes disponíveis, a cientista ressaltou que isso não significa que as fórmulas deixaram de cumprir a função protetora contra as formas mais graves da covid-19 e de prevenir mortes. A Índia, um dos maiores produtores mundiais de vacinas, imunizou com duas doses apenas 2% de sua população.

Subnotificações

Em entrevista à agência France-Presse de notícias (AFP), Soumya Swaminathan, cientista-chefe da OMS, disse que a B.1.617 foi detectada, pela primeira vez, na Índia, em outubro, e que, sem dúvidas, é um fator que agravou a epidemia. Segundo a cientista, a nova variante “apresenta mutações que aumentam a transmissão e também podem torná-la potencialmente resistente aos anticorpos desenvolvidos por vacinação ou contaminação natural.”

Tauseef Mustafa/AFP - 2/5/21



Pacientes atendidos em ginásio: estimativa oficial indica 4 mil mortes por dia

Estatísticas oficiais indicam que cerca de 4 mil pessoas morrem diariamente no país em decorrência da covid-19, somando quase 250 mil óbitos. Há fortes suspeitas, porém, de que os registros estejam subnotificados. Para especialistas, as vítimas não contabilizadas são especialmente numerosas agora. Isso porque o Sars-CoV-2 se espalhou para fora das grandes cidades, onde

os hospitais são escassos e seus registros, mal atualizados.

Infecção fúngica

Os profissionais de saúde também têm lidado com uma complicação inusitada da infecção pelo Sars-CoV-2: uma mortal infecção fúngica. Médicos relataram à AFP um aumento nos casos de mucormicose nas últi-

mas semanas. “Os casos em pacientes com a covid-19 após a recuperação são quase quatro ou cinco vezes mais numerosos do que aqueles detectados antes da pandemia”, disse Atul Patel, especialista em doenças infecciosas de Ahmedabad e membro da equipe de enfrentamento à pandemia nesse estado.

No domingo, o Ministério da Saúde indiano divulgou um

» Diretor denuncia “manobras geopolíticas”

Diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus denunciou a ocorrência de “manobras geopolíticas” na diplomacia de vacinas. Segundo eles, essas estratégias têm comprometido o combate à pandemia. “Diplomacia de vacinas não é cooperação, é manobra geopolítica (...) Não podemos vencer esse vírus competindo. Se competirmos por recursos ou por uma vantagem geopolítica, é o vírus que tira vantagem”, insistiu. Ghebreyesus deu a declaração ao ser questionado por jornalistas sobre práticas adotadas por alguns países, como China e Rússia, de dar acesso às vacinas desde que recebam compensação das nações interessadas nas doses.

informe sobre como tratar a doença, que costuma ser mais grave em pacientes cujo sistema imunológico está enfraquecido por uma ou mais infecções. Pelo Twitter, o Conselho Indiano de Pesquisa Médica (ICMR), agência científica responsável por fornecer respostas ao governo, alertou que “a mucormicose, se não tratada, pode ser fatal”.